



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS METROPOLITANO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÂNIA - ESEFFEGO
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LURDES MOREIRA DE FARIA

**IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO MÉDIO: concepção dos alunos**

GOIÂNIA

2023

LURDES MOREIRA DE FARIA

**IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO MÉDIO: concepção dos alunos**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Metropolitano - Unidade Universitária de Goiânia - ESEFFEGO.

Orientador: Professor Dr. Gabriel Carvalho Bungenstab

GOIÂNIA

2023

RESUMO

A Educação Física sofreu várias mudanças: passando de uma disciplina focada no ensino esportivo para uma disciplina focada na formação humana integral; disciplina não obrigatória no Ensino Médio para uma disciplina obrigatória, uma disciplina curricular para um itinerário formativo, entre outras. A vida humana, assim como a Educação Física, é marcada por transformações, e a adolescência dentre todas as fases, é a que podemos notar de forma mais significativa isso. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a importância da Educação Física escolar no Ensino Médio a partir da visão que os alunos e alunas tem dessa disciplina. A metodologia escolhida para esta pesquisa foi a abordagem qualitativa, dentro dessa metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica. Para tal, influenciada em Bungenstab, Souza e Garcia (2021) em termos de diálogo com a literatura especializada, a ideia foi revisitar alguns estudos que se propuseram a analisar a presença da Educação Física no Ensino Médio e, a partir disso, extrair algumas reflexões pautadas naquilo que os alunos dizem a respeito dessa disciplina. Pode-se perceber que tanto docentes como discentes consideram a Educação Física no Ensino Médio importante. Importância não só física, mas mental e psicológica também, porque ajuda o ser humano na interação social, na mudança de mentalidade sobre hábitos cotidianos, entre outros. Portanto, é um componente curricular apreciado, mas não incluído entre os mais relevantes. É possível perceber também que os estudos são baseados na experiência dos alunos. Logo, não se pode definir uma experiência universal, cada um tem sua própria, é individual. Na Educação Física fazer uma experiência significa que saberemos melhor sobre nós mesmos e sobre o “objeto” de estudo passado de forma conceitual e universal.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino Médio; experiência.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Publicações anuais de artigos, em cada periódico durante os últimos 5 anos, relacionadas à Educação Física no Ensino Médio.....	14
Tabela 2 - Publicações anuais de artigos, em cada periódico durante os últimos 5 anos, relacionadas à Educação Física no Ensino Médio.....	15

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. METODOLOGIA	8
3. EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO	10
4. A PRODUÇÃO DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O ENSINO MÉDIO	14
5. A CATEGORIA EXPERIÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO	26
6. CONCLUSÕES	31
REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco a Educação Física no Ensino Médio. A Educação Física sofreu várias mudanças: passando de uma disciplina focada no ensino esportivo para uma disciplina focada na formação humana integral; disciplina não obrigatória no Ensino Médio para uma disciplina obrigatória, uma disciplina curricular para um itinerário formativo, entre outras. A vida humana, assim como a Educação Física, é marcada por transformações, e a adolescência dentre todas as fases, é a que podemos notar de forma mais significativa isso. A transição da infância para vida adulta é caracterizada pelo amadurecimento físico, sexual, mental, emocional e social. A escola é o ambiente em que o adolescente passa maior parte do tempo, preservando uma rotina com pessoas passando pelo mesmo que ele, se tornando mais acolhedor. (ROSSI; TOMPSON, 2021)

Este estudo me despertou um interesse pessoal, porque minhas vivências na Educação Física durante o Ensino Médio me marcaram de forma positiva, sendo uma disciplina rica em conteúdos, crítica e mostrando possibilidades e adaptações. Contudo, amigos e familiares, estudantes de outras escolas não tiveram vivência ou tiveram vivências ruins, sem planejamento, focada em apenas um esporte ou em recreação. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL):

O professor de Educação Física deve buscar, a todo custo, uma integração com o trabalho desenvolvido na escola, colocando o seu componente curricular no mesmo patamar de seriedade e compromisso com a formação do educando. Essas palavras podem soar estranho a muitos educadores. No entanto, sabe-se que, em diversas escolas, a disciplina encontra-se desprestigiada e relevada a segundo plano. (2000, p.36)

A reforma do Ensino Médio despertou uma preocupação com relação a banalização de algumas áreas do conhecimento em detrimento de outras. A formação do aluno para o mundo do trabalho se tornou mais importante do que oportunizar vivências de todas as áreas do conhecimento de forma completa e deixar com que eles escolham após a educação básica uma área de foco. A reforma do ensino médio no Brasil foi aprovada em 2017 e gerou polêmica desde o seu anúncio. A principal mudança foi a flexibilização do currículo escolar, com a possibilidade de os estudantes escolherem a ênfase de seus estudos em áreas específicas, como profissionalizantes, científicas e tecnológicas.

Com a reforma, a carga horária aumentou de 800 para 1.000 horas anuais, sendo que 60% do tempo é destinado às áreas obrigatórias (Linguagens, Matemática, Ciências

Humanas e Ciências da Natureza) e os outros 40% para itinerários formativos, ou seja, áreas de interesse escolhidas pelos alunos.

Entre as críticas à reforma, está a alegação de que a nova estrutura curricular afasta os alunos das disciplinas de humanidades e dificulta a formação crítica deles. Além disso, as mudanças previstas geraram incertezas quanto à proposta de ensino integral e quanto à formação de professores capacitados a implementar as novas diretrizes. O impacto da reforma ainda é objeto de estudo, mas é fundamental uma avaliação constante sobre seus resultados para garantir a qualidade do ensino e a formação de jovens preparados para enfrentar os desafios do mercado de trabalho.

O problema investigativo deste trabalho é: “Qual a importância da presença da Educação Física no Ensino Médio na concepção dos alunos?”. É fundamental fazer uma reflexão acerca dessa problemática, para esclarecer as contribuições físicas, mentais e sociais que a participação nas aulas traz. Despertando na comunidade estudantil o interesse em praticar exercícios físicos durante e após a escolarização. Portanto, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a importância da Educação Física escolar no Ensino Médio a partir da visão que os alunos e alunas tem dessa disciplina. Para tal, influenciada em Bungenstab, Souza e Garcia (2022) em termos de diálogo com a literatura especializada, a ideia foi revisitar alguns estudos que se propuseram a analisar a presença da Educação Física no Ensino Médio e, a partir disso, extrair algumas reflexões pautadas naquilo que os alunos dizem a respeito dessa disciplina.

Para levar a cabo essa tarefa, temos como objetivos específicos deste trabalho: mapear e analisar, em termos de artigos científicos, o que foi produzido no campo da Educação Física sobre Ensino Médio e EF escolar; e discutir a categoria experiência como possibilidade da Educação Física no Ensino Médio. O texto a seguir, então, é dividido em três momentos: 1) apresentação da metodologia; 2) debate sobre Educação Física no Ensino Médio e, 3) análise dos dados. Por fim, a conclusão.

2. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para esta pesquisa foi a abordagem qualitativa que conforme Godoy (1995), compreende o fenômeno de forma integral e capta a partir da perspectiva das pessoas envolvidas no problema.

Dentro da abordagem qualitativa destacam-se diferentes tipos de pesquisa, a que utilizamos neste trabalho é a pesquisa bibliográfica, que para Gil (2008, p. 44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Chizzotti (1995, p. 79) afirma que

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. [...] O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Segundo Silva (1996, apud BRAGA *et al.*, 2019, p. 03) a pesquisa qualitativa dá mais liberdade para reflexões e se interessa principalmente pelo processo. Investiga o mundo e compreende o comportamento humano, “[...] a partir do que cada pessoa ou pequeno grupo de pessoas pensam ser a realidade.” A pesquisa bibliográfica em Educação Física pode consistir na busca e análise de artigos, livros, dissertações, teses e outros materiais relacionados ao tema. Esses materiais são selecionados e analisados para fornecer informações teóricas e práticas sobre o ensino e aprendizagem, bem como para apoiar a produção de trabalhos acadêmicos.

Segundo Gil (2008), para realizar uma pesquisa bibliográfica, é necessário seguir alguns passos, tais como: definir o tema da pesquisa; selecionar as fontes; analisar o material selecionado; organizar as informações e propor novas reflexões. Além disso, a pesquisa bibliográfica torna-se fundamental para o desenvolvimento de determinada área, já que permite o acesso a informações teóricas e práticas sobre a educação e auxilia na melhoria da prática educativa.

A partir disto, realizou-se um levantamento bibliográfico, dando continuidade ao mapeamento feito por Bungenstab e Lazzarotti Filho (2017), com o intuito de identificar artigos científicos sobre a Educação Física e o Ensino Médio. A pesquisa realizada por Bungenstab e Lazzarotti Filho (2017, p. 28) demonstrou que, durante os anos de 2001 até o ano de 2016 foram publicados um total de 53 artigos nas revistas: *Motrivivência*, *Pensar a Prática*, *Revista Movimento*, *Motriz* e *RBCE*. Ao fazerem uma reflexão sobre os conteúdos dessas produções os autores salientam que:

Se outrora, no período de 2001 a 2011, a categoria de maior produção relacionada à EF e o EM se referia à “formação profissional”, vemos que as últimas publicações não têm se preocupado com este debate, não produzindo nada sobre o mesmo [...] O que este dado nos aponta? Podemos partir de duas reflexões. A primeira delas é que, nos últimos 15 anos, as pesquisas tiveram como tema principal o currículo prescrito como instrumento da política curricular e com a função de prescrição e regulação [...] A segunda reflexão diz respeito ao aumento tímido das pesquisas sobre o tema. O aumento da produção da área ocorre simultaneamente à pluralidade do foco das produções, agora, muito mais diverso [...] nesse locus multifacetado que surge a demanda de objetos e problemáticas a serem pesquisadas em relação à EF e o EM. Contexto esse que engloba os conteúdos, a legitimação, o ambiente, os professores, alunos, a cultura e a escola. Percebe-se então, a necessidade das pesquisas que abordem a diversidade da EF no EM, a fim de compreender e refletir sobre esse contexto educacional

Influenciada por esses dados realizei uma coleta, a partir de 2017, em 4 das 5 revistas digitais analisadas pelos autores supracitados: *Motrivivência*, *Pensar a Prática*, *Revista Movimento* e *RBCE*. Ao entrar na página eletrônica de cada revista foram lidos os títulos e resumos dos artigos de cada edição, e separados. Os textos que não tinham relação aos termos “Educação Física”; “Ensino Médio” e “concepção dos alunos” foram descartados.

O leitor perceberá nos quadros do capítulo 4 que a produção sobre Ensino Médio e Educação Física cresceu vertiginosamente e durante os anos de 2017 até 2022 foram publicados, nas revistas analisadas, 55 artigos.

3. EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Em 20 de dezembro de 1996 foi sancionada uma nova Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) que promoveu a integração do Ensino Médio como etapa da Educação Básica e, mais especificamente, em relação à Educação Física, o parágrafo 3º do artigo 26 estabelece que: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 1996).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998b), a Educação Física para o Ensino Médio tem como objetivo preparar o aluno como cidadão, aprimorar seus conhecimentos como pessoa humana, com formação ética, autonomia intelectual e crítica, tendo ampla visão dos conhecimentos tecnológicos e os processos teóricos e práticos. Além disso, essa disciplina deve fornecer aos alunos um parecer da importância das atividades físicas em seu cotidiano. (METZNER, 2012, p. 8)

O Ensino Médio (EM) se tornou obrigatório em 2009 a partir da Emenda Constitucional nº. 59 que trata de “prever a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica”. Em 2018, o ministro da Educação, Rossieli Soares, homologou o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a etapa do Ensino Médio, o documento normativo que orienta a formulação dos currículos e das propostas pedagógicas das instituições escolares atualmente. A BNCC estabelece conhecimentos, competências e habilidades que todos os alunos devem desenvolver durante a escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos propostos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, com o objetivo de uma formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

O governo de Michel Temer, que se iniciou dia 31 de agosto de 2016, após o impeachment de Dilma Rousseff, encaminhou ao Congresso Nacional a medida provisória (MP) nº 746/2016 que ficou conhecida como “MP da Reforma do Ensino Médio”. O argumento do Governo justificando a reforma se baseava em dados do índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) divulgados em 2016, porém com resultados persistentes desde 2011 (GARIGLIO *et al.*, 2017). A lei foi assinada em 2017 e passou a vigorar, contudo, só a partir de 2022 as mudanças começaram a ser implantadas.

Todas as escolas públicas e privadas de Goiás vão adotar, gradativamente, o novo Ensino Médio. Estas mudanças são regulamentadas pela Lei nº 13.415/2017 que alterou algumas leis anteriores. Dentre essas alterações, o currículo do Ensino Médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e por Itinerários Formativos, que flexibiliza o currículo e torna o aluno protagonista, deixando que ele escolha em qual área de conhecimento/Itinerário Formativo se aprofundar. A BNCC manteve como obrigatória a disciplina de Educação Física, portanto, ficando a critério de cada sistema de ensino escolher e organizar as áreas que pretende trabalhar. Portanto o protagonismo, falado anteriormente, do aluno na escolha é uma utopia, porque ele poderá escolher entre o que a escola escolheu e ofereceu.

A Educação Física com tais mudanças no currículo, perdeu a identidade como uma disciplina portadora de conhecimento? Os alunos perdem ao aprender práticas corporais e não discutem criticamente a cultura corporal de movimentos. Portanto, a Educação Física tem sido tratada como passatempo/lazer, ou um produto de atração, até mesmo na escola perdendo seu cunho educacional. Bungenstab e Lazzarotti Filho (2017, p. 34) afirmam que:

De acordo com Frigotto (2003) o EM, como etapa final da educação básica, deve se balizar por três eixos principais, quais sejam: ciência, cultura e trabalho. Assim, o autor nos lembra que se deve deixar de lado a formação imediatista para o trabalho e o treinamento para o vestibular. É preciso voltar à tendência educacional dotando os conteúdos do EM com significado e sentido.

Logo, o novo Ensino Médio organiza uma Educação Física sem caráter educacional, sem sentido e significado, às vezes, até sem oferta nas escolas impossibilitando a escolha do aluno.

O Ensino Médio é a etapa do ensino frequentada na sua maior parte por adolescentes. A adolescência é uma fase marcada por grandes mudanças, e começam assumir responsabilidades que podem definir seu futuro, como: maternidade/paternidade, entrada no mercado de trabalho, abandono dos estudos, escolha do curso/faculdade, etc. Portanto, é carregado, e até sobrecarregado, de pressão, preocupação, ansiedade, medo, inseguranças, entre outros. Gallo-Belluzzo, *et al.* (2017) concluíram, através do seu estudo acerca do imaginário de adolescentes sobre o vestibular, que os estudantes expressam mais sofrimento e desconforto pessoal do que entusiasmo na fase que precede o vestibular.

Nesses tempos de rápidas e profundas transformações sociais que repercutem, às vezes de maneira dramática, nas escolas, a Educação Física e seus professores precisam fundamentar-se teoricamente para justificar à comunidade escolar e à própria sociedade o que já sabem fazer, e, estreitando as relações entre teoria e prática pedagógica, inovar, quer dizer, experimentar novos modelos, estratégias, metodologias, conteúdos, para que a Educação Física siga contribuindo para a formação integral das crianças e jovens e para a apropriação crítica da cultura contemporânea (BETTI, ZULIANI, 2002, p. 80, apud BRAGA *et al.*, 2019).

A Educação Física no Ensino Médio, segundo Metzner (2012), deve oferecer conhecimento crítico sobre a cultura corporal de movimento e vivência desse conhecimento com objetivo de lazer, saúde, bem-estar e expressão de sentimentos. Metzner (2012, p. 8) conclui que “Ao término do Ensino Médio, segundo os Parâmetros Curriculares, o aluno deverá estar apto a ter uma boa qualidade de vida, e seguro de seus conhecimentos sobre seu corpo, das necessidades dele e da importância de sua manutenção.”

Durante muito tempo a Educação Física escolar foi usada para segregação ou classificação e a proposta principal dos Parâmetros Curriculares Nacionais era entender a Educação Física como cultura corporal, ou seja, que expressa “[...] um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 62). Portanto, para construir o conhecimento sobre a cultura corporal é necessário que o aluno vivencie de forma crítica, participativa e, acima de tudo reflexiva, a diversidade da cultura corporal (dança jogos, recreação, esporte, ginástica, etc.).

No estudo realizado por Braga *et al.*, (2019) sobre a importância da Educação Física na percepção de alunos do Ensino Médio, os autores concluíram que os alunos consideravam a aula importante em 3 pontos principais. A primeira importância voltada ao esporte e as outras com características de promoção da saúde e integração. Um ponto importante destacado também pelos alunos foi que a aula de Educação Física é um momento de relaxamento/distração da pressão.

Já Marcolino e Lima (2019, p. 9) realizaram um estudo sobre a importância da Educação Física no ensino médio integrado com a concepção docente. E concluiu que na visão dos docentes pesquisados a disciplina contribui para:

o incentivo para o conhecimento e a consciência corporal, a reflexão crítica sobre o corpo na mídia e a sociedade, a adoção de um estilo de vida ativa no presente e no futuro e a relação com a profissão que virão a exercer.

Portanto, como podemos perceber com esses dois estudos, tanto docentes como discentes consideram a Educação Física no Ensino Médio importante. Importância não só física, mas mental e psicológica também, porque ajuda o ser humano na interação social, na mudança de mentalidade sobre hábitos cotidianos, entre outros.

Para Rossi e Tompson (2021) a Educação Física na escola proporciona aos alunos momentos de lazer, descontração e aprendizagem, com benefícios como: mudanças positivas no humor, prevenção de doenças dislipidêmicas e ainda auxiliar na produção e desenvolvimento dos hormônios do crescimento.

De fato, praticar exercícios no ambiente escolar causam impactos positivos na saúde mental do adolescente. Isto porque, há uma redução do estresse diário, aumento da disposição, elevação da qualidade do sono, o que proporciona melhor desempenho escolar, e ainda, permite que o desenvolvimento físico ocorra de forma efetiva, uma vez que se concretiza durante o repouso profundo (GOLDNER, 2013 apud ROSSI e TOMPSON, 2021, p. 7).

Conseqüentemente, a Educação Física na escola tem um objetivo muito além apenas do aprendizado técnico. É importante destacar que o aprendizado e a vivência são os principais objetivos nas aulas, mas diante disso, ocorre a manutenção do corpo e da mente.

4. A PRODUÇÃO DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O ENSINO MÉDIO

Para dar continuidade foi realizado, no presente texto, um levantamento bibliográfico com o intuito de identificar artigos científicos, também sobre a Educação Física e o Ensino Médio. Para isso, foi feita uma coleta de 2017 até novembro de 2022, em 4 revistas digitais: Motrivivência, Pensar a Prática, Revista Movimento e RBCE. Ao entrar na página, após digitar o termo “ensino médio” na caixa de busca de cada revista, foram lidos os títulos e resumos dos artigos de cada edição, e separados quantitativamente como se segue:

Tabela 1 - Publicações anuais de artigos, em cada periódico durante os últimos 5 anos, relacionadas à Educação Física no Ensino Médio.

Ano / Periódico	Motrivivência	Pensar a Prática	Revista Movimento	RBCE	Total
2017	8	6	1	0	15
2018	0	3	2	0	5
2019	6	3	1	1	11
2020	7	1	2	1	11
2021	4	1	0	1	6
2022	5	0	0	2	7
Total	30	14	6	5	55

Fonte: própria autora.

Após a busca, foram encontrados 55 artigos que tinham relação ao termo “Ensino Médio”, contudo, esse número foi reduzido a oito, ao classificarmos os textos em 7 categorias, assim como Bungenstab e Filho (2017) fizeram a partir do estudo de Rufino *et al.*, (2014). As categorias são: formação profissional, prática pedagógica e conteúdos, sistematização, tendências pedagógicas, concepção de alunos, corporeidade e gênero. Bungenstab e Lazzarotti Filho (2017) concluíram que, durante o período de 2014 até 2016 não foram publicados artigos relacionados a formação profissional e as tendências pedagógicas. O maior número de artigos encontrados por esses autores estava relacionado as categorias da prática pedagógica/conteúdos (com cinco publicações), concepção de alunos (quatro publicações) e corporeidade (com três publicações).

Tabela 2 - Publicações anuais de artigos, em cada periódico durante os últimos 5 anos, relacionadas à Educação Física no Ensino Médio.

Ano/ Cate- gorias	For- mação profis- sional	Pratica pedagógica e Conteúdos	Siste- matiza- ção	Tendên- cias pedagó- gicas	Concepção de alunos	Corpo- reidade	Gênero
2017		Metzner <i>et al.</i> , 2017 Boscatto e Darido, 2017 Souza <i>et al.</i> , 2017			Silva, Rodrigues e Freire, 2017 Silva <i>et al.</i> , 2017		
2018		Lopez, Golin e Ribeiro, 2018			Lopes <i>et al.</i> , 2018		
2019		Maldonado <i>et al.</i> , 2019 Diniz e Darido, 2019 Montiel <i>et al.</i> , 2019			Ferreira e Moreira, 2019		
2020					So <i>et al.</i> , 2020 Kuhn <i>et al.</i> , 2020	Bravalh eri, 2020	Jacoby e Goellner , 2020
2021		Diniz e Darido, 2021 Brito <i>et al.</i> , 2021			Andrade e Lettnin, 2021 Junior, Costa e Rodrigues, 2021		
2022		Almeida <i>et al.</i> , 2022					Lima <i>et al.</i> , 2022

Fonte: própria autora.

Como mostra o quadro 2, a presente pesquisa vai ao encontro dos achados por Bungenstab e Lazzarotti Filho (2017) na medida em que também não foram encontrados artigos nas categorias formação profissional e tendências pedagógicas. Além disso, vale salientar a categoria sistematização que não somou nenhum texto e as categorias corporeidade e gênero, ambas com apenas um texto. Já as categorias concepção dos alunos e prática pedagógica/conteúdos tiveram aumento significativo no número de publicações, com respectivamente oito e nove artigos publicados entre os anos de 2017 e 2022.

Para a presente revisão bibliográfica será levado em consideração apenas os artigos classificados na categoria “concepção dos alunos”. Pois, como dito anteriormente nossa pesquisa busca analisar apenas a visão dos alunos e alunas acerca da Educação Física. Assim, a análise foi feita a partir de 8 artigos.

Muitos pesquisadores, como Betti e Liz (2003), Darido (2004) e Paiano (2006) verificaram “que a Educação Física está entre os componentes curriculares mais apreciados pelos estudantes, mas não entre os mais relevantes.” Logo, Silva, Rodrigues e Freire (2017, p. 782) realizaram uma pesquisa que tem “o objetivo de analisar a percepção dos alunos do Ensino Médio sobre as aulas de Educação Física.”

Foi realizada uma pesquisa qualitativa. Participaram da pesquisa 72 estudantes do Ensino Médio, com idade entre 13 e 17 anos, de uma escola da rede privada de São Paulo, situada na zona leste da cidade. E por meio de um questionário foram feitas diversas perguntas buscando entender a frequência da participação dos alunos nas aulas de Educação Física, quais os conteúdos trabalhados, se gostam, entre outros. Entre os alunos pesquisados, a maioria declarou “participar das aulas e apresentaram diferentes fatores que estimulam esta participação.” Dentre esses fatores podemos destacar:

Gosto de praticar esportes (Aluno 25).

Eu participo porque acho uma forma de sair do “ar” da sala (Aluna 61).
(SILVA; RODRIGUES; FREIRE, 2017, p. 783)

Fazendo uma ligação com a pesquisa de Silva *et al.*, (2017), nesse texto é possível notar a importância da Educação Física para saúde, sendo um benefício citado por uma parte dos pesquisados. Portanto, existe a pequena parte dos pesquisados que declararam não participar ou participar pouco das aulas, tendo como um dos argumentos terem “problemas de saúde que, na interpretação deles e delas, impossibilitam a prática das atividades propostas em aula.” (SILVA; RODRIGUES; FREIRE, 2017, p. 784)

“Para compreender como os estudantes avaliam e atribuem significado à Educação Física, solicitamos que eles apontassem os aspectos que consideravam positivos ou negativos de sua experiência com o componente curricular na escola.” (SILVA, RODRIGUES E FREIRE, 2017, p. 784) Ao apontarem pontos positivos das aulas de Educação Física, os alunos citaram o prazer proporcionado pelas aulas, a possibilidade de experimentar o novo, as consequências ou benefícios tidos por meio da participação na aula e a possibilidade de interação social.

Eu poder me mover (Aluna 40)

Nos divertimos e aprendemos coisas que não sabemos (Aluno 56)

Atividades físicas são boas para a saúde (Aluna 75)

Integração entre os colegas de classe (Aluno 39)

(SILVA; RODRIGUES; FREIRE, 2017, p. 785)

E ao apontarem pontos negativos das aulas de Educação Física, de acordo com Silva, Rodrigue e Freire (2017, p. 786), os alunos focaram na aula em si e em seu relacionamento com os colegas:

Pouco tempo de aula (Aluno 47)

Muitas vezes são aulas repetitivas (Aluna 50)

Dificuldade em enxergar que os alunos possuem diferentes capacidades (Aluna 16)

Os pesquisados também foram questionados por Silva, Rodrigues e Freire (2017, p. 788) sobre os conteúdos, alguns estão saturados do esporte, outros gostam e preferem continuar, e alguns demonstram interesse em aprofundar conhecimentos, como podemos perceber na resposta:

Além do jeito certo da prática dos esportes também deveria ensinar os benefícios e malefícios das atividades. Porque com maiores informações fica mais fácil e prazeroso e interessante fazer a atividade (Aluno 47).

É importante “envolver os alunos na construção do currículo é uma forma de possibilitar a diversificação.” (SILVA; RODRIGUES; FREIRE, 2017, p. 189) Possibilitando mudanças e adaptações para aqueles que não participam se sentirem mais “seguros” e satisfeitos em participar.

Já Ferreira e Moreira (2019) pesquisaram a Educação Física no Ensino Médio focado no futebol. Especificamente na Educação Física, o futebol pode ser trabalhado de diversas maneiras, como, por exemplo:

como prática de atividade física para promoção da saúde; parte da aprendizagem e aprimoramento motor; como necessidade de socialização do indivíduo na escola e, pressupomos, o mais almejado pela sociedade de modo geral, a chance de ascensão por meio da profissionalização do esporte, tendo como diretriz a promoção de atletas e/ ou descoberta de novos talentos (FERREIRA e MOREIRA, 2019, p. 3)

A pesquisa foi realizada numa escola estadual no município de Cuiabá, MT, com um total de 37 estudantes do período diurno, do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. A metodologia utilizada para pesquisa foi uma roda de conversa com os alunos transitando pelas perguntas: “1 - O que o futebol significa para vocês? 2 - Qual o principal atrativo

do jogo de futebol? 3 - Qual a relação do futebol com as aulas de Educação Física? 4 - O que é preciso para ser um bom jogador de futebol? 5 - De onde vem seu conhecimento sobre o futebol?” (FERREIRA; MOREIRA, 2019, p. 5)

Os alunos participaram bastante, portanto, Ferreira e Moreira (2019, p. 13) constataram que é o “atleta/ jogador” e não mais o esporte em si que faz com que o indivíduo, torcedor ou não, acompanhe com afinco a temática futebolística em questão.” Diante disso,

acerca da escassez de estudos sociológicos sobre o esporte, especificamente sobre o futebol, na escola, concluindo que grande parte dos conhecimentos veiculados no espaço escolar ainda são restritos a uma função reprodutiva/transmissora de reflexões já constituídas. (FERREIRA; MOREIRA, 2019, p. 13)

Sobre o futebol na Educação Física os alunos disseram:

“Desde que eu me lembro das aulas de Educação Física na escola é o futebol que comanda (AM1.3).”

“A professora já tentou fazer a gente gostar de outros esportes, mas não adianta, a gente até faz o que ela quer, mas no final tem que ter o futebolzinho pra relaxar (AM2.4).”

(FERREIRA; MOREIRA, 2019, p. 10)

Ferreira e Moreira (2019, p. 12) destacam o pressuposto competitivo e performático do futebol. Portanto, vê-se a necessidade de se ensinar “valores coletivos, bem como sua característica histórica, étnica, técnica, filosófica e política” dos esportes nas aulas de Educação Física. Para concluir, “o futebol nas aulas de Educação Física não pode ser apenas uma área de ordem motora e fundamentos técnicos, mas sim, um meio pelo qual seja possível estudar seu enraizamento social e sua significação cultural inserida no contexto escolar”.

Kuhn *et al.*, (2020) pesquisou a concepção dos alunos do Ensino Médio, levando em consideração a Educação Física do Ensino Fundamental. O texto destaca a importância de ter a participação dos jovens/alunos como interlocutores nas tomadas de decisões. Logo, o texto se propõe a valorizar as experiências e as percepções dos estudantes sobre o próprio aprendizado e sobre a Educação Física no contexto escolar.

O objetivo geral da pesquisa de Kuhn *et al.*, (2020) foi compreender os significados atribuídos por estudantes do terceiro ano do Ensino Médio às suas experiências nas aulas de Educação Física durante a Educação Básica, e os objetivos específicos foram: identificar os conhecimentos aprendidos pelos estudantes do terceiro

ano do Ensino Médio nas aulas de Educação Física durante a Educação Básica e compreender como esses conhecimentos se relacionam com suas vidas dentro e fora da escola.

Trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizada com cinco estudantes matriculados no 3º Ano do EM, em 2017, em uma Escola Estadual de EM do Rio Grande do Sul, localizada na região central de Porto Alegre. A pesquisa concluiu que, os conteúdos aprendidos se reduzem aos esportes tradicionais, como vemos no seguinte comentário:

Eu fiquei nove anos no Ensino Fundamental, e nesses nove anos eu aprendi quatro coisas: basquete, vôlei, futebol e handebol, e foi isso (Helena, 31/05/2017).

(KUHNS *et al.*, 2020, p. 5)

Quando questionados sobre a importância dos conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física, a maioria respondeu sobre os benefícios dos exercícios físicos para saúde e sobre o processo de socialização.

Eu acho que a gente aprende também a lidar com outras pessoas. (Elsa, 31/05/2017) (KUHNS *et al.*, 2020, p. 7)

Pra melhorar a nossa forma de vida principalmente por causa desse sedentarismo que tem hoje em dia (Helena, 31/05/2017) (KUHNS *et al.*, 2020, p. 8)

Um ponto muito importante a ser destacado, Kuhn *et al.*, (2020, p. 8) perguntou aos alunos “se já haviam participado de práticas corporais fora do ambiente escolar, em decorrência do interesse despertado pelos conteúdos vistos nas aulas de Educação Física”, duas alunas responderam que procuraram práticas corporais fora da escola após se sentirem motivadas com a experiência obtida na aula de Educação Física, onde conheceram a prática.

Eu acho que tem que ter na escola porque muita gente não tem acesso, tem gente que mora em bairros que são muito pobres e não tem acesso a uma quadra, e eles não vão sair assim, sei lá, pra correr, com o risco de levar um tiro na rua sabe? Então, acho que o colégio é um lugar meio confortável pra poder praticar os exercícios, e seguro sabe? (Elsa, 31/05/2017)” (KUHNS *et al.*, 2020, p. 9)

É possível concluir também,

que mais importante do que os conteúdos que o professor ensina é o caminho pelo qual escolhe ensinar. Esse caminho, conforme indicaram os jovens participantes da pesquisa, precisa levar na direção da valorização do estudante, da contextualização e da humanização das práticas pedagógicas no ambiente escolar. (KUHNS *et al.*, 2020, p. 18)

So *et al.*, (2020, p. 3) usa como referência o pedagogo brasileiro Paulo Freire, e diz ser “importante compreender a visão dos estudantes a respeito da sua experiência na EF.” Com vários debates acerca do Ensino Médio e suas diversas mudanças, “a perspectiva discente em relação às aulas de EF pode representar um tema de extrema relevância ao ensino de boa qualidade.”

Este estudo buscou analisar três categorias: gosto, importância e participação para os alunos de Ensino Médio na Educação Física. Tendo como objetivo “compreender, sob enfoque da perspectiva discente, como os estudantes de EM de oito escolas da rede estadual de São Paulo se relacionam com a disciplina curricular de EF.” (SO *et al.*, 2020, p. 5)

No primeiro caso, procuramos descrever o quanto os estudantes gostam das aulas de EF e contrastar este quesito com o gosto pelas demais disciplinas curriculares. Num segundo momento, buscamos compreender a relação de importância da EF para a vida dos discentes e em comparação às demais disciplinas escolares. Uma terceira análise retrata a participação discente nas aulas de EF. (SO *et al.*, 2020, p. 6)

Na primeira categoria, So *et al.*, (2020, p. 6) definiu gostar como “prazer, amar, estimar, julgar bem, aprovar, simpatizar-se, etc”. Nota-se que mais da metade dos alunos consideraram a EF uma das 3 disciplinas que mais gostam. “Mais do que isso, ao ordenar os dados, a EF representa a disciplina curricular mais apreciada do EM.” Portanto, é possível notar que ao longo dos anos o gosto pela EF cai.

Na segunda categoria, importância foi definido pelo dicionário Houaiss (2009, apud SO *et al.*, 2020, p. 9) como “algo “digno de consideração”, de “apreço”, por ter “autoridade”, “influência”, “prestígio”.” A EF foi citada como a quinta mais importante, atrás das disciplinas de importância hegemônica, como Matemática e Português.

E, desse ponto de vista, é possível afirmar que a EF e a Arte, disciplinas que lidam com a corporeidade, apresentam uma relação inversa entre gosto e importância. Isto é, o gosto é alto entre os estudantes, porém não são valoradas como as mais importantes, demonstrando que a importância não é necessariamente determinada pelo gosto. (SO *et al.*, 2020, p. 10)

Na terceira categoria, So *et al.*, (2020, p. 13) definiu “a aprendizagem ou a apropriação das coisas do mundo se dá a partir de um processo de interiorização. Contudo, para aprender é preciso colocar-se em movimento interior, reunir esforços para entrar em uma atividade”, ou seja, participando. Nota-se que a maioria dos alunos frequenta boa parte das aulas de EF, mas apenas metade dos alunos responderam frequentar todas as aulas.

Associando ao texto de Silva, Rodrigues e Freire (2017) “observamos um movimento que busca no diálogo com os estudantes, alternativas para uma EF mais significativa para a vida estudantil e Educação Básica.” (SO *et al.*, 2020, p. 18)

Outra perspectiva utilizada para as pesquisas encontradas, mas também citadas anteriormente, foi a saúde. A prática de atividade física oferece vários benefícios a saúde do ser humano, seja ele adulto, jovem ou criança. Benefícios “de caráter físico, psicossocial e comportamental, como a melhora da qualidade do sono, hábitos alimentares adequados e redução do comportamento sedentário”. Lopes *et al.*, (2018, p. 525) destaca por meio de referenciais teóricos a importância de se estimular os jovens a praticarem atividades físicas, pois “uma vez que jovens fisicamente ativos, [...] tendem a manter o comportamento ativo na vida adulta”.

Portanto,

Este estudo trata-se de um segmento da pesquisa “Estilo de vida e comportamentos de risco de jovens catarinenses – CompAC (Comportamentos dos Adolescentes Catarinenses)”, com característica epidemiológica de base escolar, abrangência estadual e delineamento transversal, realizada em 2011. O estudo investiga o estilo de vida de estudantes do ensino médio com idades entre 15 e 19 anos ($16,3 \pm 1,0$) de escolas públicas estaduais de Santa Catarina. (LOPES *et al.*, 2018, p. 526)

Lopes *et al.*, (2018, p. 526) fez o estudo com o objetivo de “estimar as prevalências dos tipos e das quantidades de AF realizadas no tempo de lazer por adolescentes de escolas públicas estaduais de Santa Catarina; bem como, identificar as diferenças entre os sexos e idades dentre as atividades mais praticadas.”

É importante destacar, que a família é a principal estimulador, ou “agente socializador na transmissão de valores, comportamentos e normas”, principalmente na infância. E a Educação Física escolar tem um papel relevante e importante, como incentivadora e proporcionadora de vivências em diferentes práticas. Outro ponto muito importante destacado, foi a influência socioeconômica e ambiental na prática de atividade física. Muitas práticas são limitadas, consequência do difícil “acesso aos locais de prática e do maior investimento financeiro para seu o início e manutenção” (LOPES *et al.*, 2018, p. 530-531)

Conclui-se que

no que se refere aos tipos de AF, observou-se que os rapazes praticam mais o futebol, o ciclismo e a musculação; enquanto as moças, a caminhada, a dança e a ginástica. Para a idade, apenas a prática da caminhada apresentou redução na proporção de participantes dos 17 para os 18 anos. Observou-se que quanto

maior o número de AF praticadas, menores as prevalências de praticantes. A proporção de moças que não participam de nenhuma AF foi superior à dos rapazes, enquanto estes apresentaram prevalências de prática superiores para uma ou mais quantidades de AF no tempo de lazer. Não foram encontradas diferenças significativas quando comparados estudantes de diferentes idades quanto à participação em uma ou mais atividades no tempo de lazer. (LOPES *et al.*, 2018, p. 533)

Nessa mesma perspectiva, Silva *et al.*, (2017, p. 809) identifica a saúde como algo além da ausência de doença, mas como um estado de bem-estar físico, mental e social. “Para avaliar uma boa saúde e uma boa qualidade de vida, devem-se analisar aspectos sociais, econômicos, históricos e ambientais, nos quais as pessoas estão inseridas (SCLIAR, 2007).”

A Educação Física escolar tem um importante papel, pois “dentre seus diversos elementos da cultura corporal, está ligada à adoção de hábitos saudáveis, como a atividade física, capaz de contribuir para a melhoria da educação em saúde (COLETIVO DE AUTORES apud SILVA *et al.*, 2017, p. 809).” Ao refletirmos sobre o processo histórico da Educação Física no Brasil é possível notar que esse sempre esteve diretamente relacionada com conceitos de saúde. No início, Silva *et al.*, (2017, p. 810) explica que, a Educação Física tinha como objetivo a “formação de homens biologicamente mais fortes, robustos e saudáveis, livres de qualquer tipo de doença”. E atualmente a Educação Física tem um foco teórico-prático, “as quais revitalizam o crescimento tanto intelectual quanto psicomotor do aluno, demonstrando o quanto estes processos de construção e reflexão sobre vivências e experiências estão voltados para a melhora das práticas de Educação Física na escola.”

Portanto, a pesquisa de Silva *et al.*, (2017, p. 811) teve como objetivo “investigar o entendimento sobre o conceito de saúde e de hábitos saudáveis de escolares do 1º ano do Ensino Médio.” A amostra foi recrutada por conveniência entre os alunos regularmente matriculados em turmas do 1ª ano do Ensino Médio do IFG Campus Ceres, nos turnos matutino e vespertino, de ambos os sexos, com idade entre 14 e 19 anos.

Os resultados da pesquisa mostram o quanto os alunos consideram a boa alimentação e a prática de atividade física primordiais para ser saudável. Porém, é importante destacar que, muitos conceituam isso, mas não praticam. E como no texto mostra, a Educação Física tem um papel importante, para ensinar e mostrar aos alunos a importância do cuidado com a saúde e os benefícios para o seu próprio corpo.

A adolescência é um período do desenvolvimento humano no qual estabelece comportamento, caráter, personalidade e estilo de vida. O ambiente em que o jovem está inserido é um dos fatores que mais influenciam o seu comportamento e estilo de vida (BUSS, apud SILVA *et al.*, 2017, p. 817).

Portanto, com relação ao local onde os alunos faziam suas refeições, todos responderam que fazem a maioria, senão todas, as suas refeições na escola. Vemos a importância e o poder da influência, isso pode ser levado em consideração não apenas nesse caso, mas em tudo. Quando somos estimulados e incentivados, somos influenciados a continuar, ou seja, em relação a atividade física, quando temos contato com algo e aquilo se torna rotineiro e prazeroso nós somos tendenciosos a continuar praticando.

Andrade e Lettnin (2021) pesquisaram uma a (des)seriação da Educação Física no Ensino Médio. Com o objetivo de:

conhecer a motivação dos estudantes dentro de uma proposta diferenciada de organização das turmas de Educação Física (EF) para o Ensino Médio (EM), denominada (Des)seriação, que foi originada a partir da preocupação com aqueles que estavam apresentando uma postura de distanciamento das aulas de EF. (ANDRADE; LETTNIN, 2021, p. 3)

Uma das justificativas para a realização da pesquisa foi a falta de relação do ensino no Ensino Médio diante da realidade do aluno, se tornando algo sem significado e apenas obrigatório. Segundo Pizani *et al.*, (2016, apud ANDRADE; LETTNIN, 2021, p. 3), “a escola tem a responsabilidade de proporcionar um ambiente facilitador para que o estudante compreenda a importância do que é ensinado e se sinta motivado a buscar conhecimentos para alcançar seus objetivos.”

Outro ponto destacado no texto é a influência que as experiências do aluno nas aulas de Educação Física fazem no futuro do aluno dentro e fora da escola. Como citado por Andrade e Lettnin (2021, p. 4) “os alunos que reportam experiências negativas nas aulas de EF ou que têm uma baixa percepção de autoeficácia são aqueles menos ativos dentro e fora da escola (NTOUMANIS, 2005; LETTNIN, 2012; LETTNIN; JESUS; STÖBAUS, 2012).”

A investigação de Andrade e Lettnin (2021) se caracterizou por um estudo descritivo exploratório, do tipo misto (quantitativo e qualitativo). Na análise quantitativa foi possível identificar que dos 529 questionários respondidos, 87,7% (n=464) de respostas apontam que os alunos do Ensino Médio gostam de Educação Física. Na análise qualitativa foi possível identificar por meio de palavras e argumentos dos próprios alunos

que muitos gostam e se sentem motivados a participar para esquecer os problemas e focar em si. Como dito pelos alunos:

“Eu gosto do que faço na educação física [...] (E1169).” (ANDRADE e LETTNIN, 2021, p. 18)

“Me sinto muito bem ao fazer a educação física, qualquer problema que ocupe a minha mente é desfeito e começo a me dedicar ao máximo no tempo que tenho(E1028).” (ANDRADE e LETTNIN, 2021, p. 17)

Por outro ângulo, Junior, Costa e Rodrigues (2020) fizeram uma pesquisa focada na concepção de imagem corporal de meninas no Ensino Médio, com objetivo de analisar concepções de alunas de uma escola pública de Teresina – PI acerca da imagem corporal da mulher negra. A pesquisa é de natureza quanti/qualitativa e foi realizada com 26 alunas de uma escola pública, com idades entre 15 e 18 anos.

A imagem corporal é constituída a partir de um conjunto de aspectos cognitivos, sociais e afetivos que, quando inseridos em uma determinada cultura, sofre modificações e gera padrões de comportamentos, que podem ser negativos e levar a distorções psicológicas, alimentares e corporais. (JUNIOR, COSTA E RODRIGUES, 2020, p. 3)

A construção da imagem corporal sofre várias influências, dentre elas a mais destacada no texto é a mídia. Portanto, pode ter influências dos meios sociais, econômico e cultural, alterando a forma como o homem percebe o corpo.

Para Junior, Costa e Rodrigues (2020, p. 5) é importante proporcionar, através dos estudos sobre corporeidade, “a assimilação e o entendimento das diversas culturas e possibilidades de representações corporais”. E “o professor de Educação Física tem um importante papel na desconstrução de idealizações padronizadas de corpos”. E se tratando especificamente do Ensino Médio, que é uma etapa representada pela adolescência cheia de transições e mudanças corporais, é importante proporcionar ao aluno o conhecimento para entender “suas questões, angústias e interesses”.

A pesquisa buscou entender das alunas o que elas achavam e pensavam do corpo negro, qual raça elas se auto reconhecem e se estão satisfeitas com o seu corpo. Apenas 11,53% das meninas se autodeclararam negras, e estas afirmaram que:

“Estou muito satisfeita em ser negra. (ALUNA 5, 2019). “

“Pertencço de uma raça que lutou bastante, sou negra e tenho orgulho. (ALUNA 9, 2019).”

(JUNIOR, COSTA E RODRIGUES, 2020, p. 8)

A maioria das alunas consideram a imagem corporal da mulher negra tão bonita quanto as mulheres das demais raças, como podemos perceber por meio das respostas:

“Porque somos todos iguais e cada um tem suas qualidades na qual os deixam lindos. (ALUNA 5, 2019).”

“Porque a cor negra causa diferença entre as demais. (ALUNA 13, 2019).”

(JUNIOR, COSTA E RODRIGUES, 2020, p. 9)

Portanto, ao demonstrar sua insatisfação com sua própria imagem e escolher um corpo ideal é possível notar que muitas marcaram a imagem com a pele branca e cabelos lisos e louros.

Desse modo, fazendo um apanhado de tudo exposto até aqui, é possível notar que mesmo os autores seguindo diferentes perspectivas e ângulos, em todas as pesquisas foram pontuadas importâncias da Educação Física após a pesquisa com os alunos. Como por exemplo: promover a adoção de hábitos saudáveis, desconstruir idealizações padronizadas de corpo, promover a vivência da prática, motivar a continuação de alguma prática fora da escola, envolver o aluno com a escola, ajudar na socialização e aliviar a pressão mental e psicológica.

5. A CATEGORIA EXPERIÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Após a revisão bibliográfica feita e o estudo dos textos citados, é possível perceber que são pesquisas baseadas nas experiências dos alunos. Bondia (2002) propõe uma nova discussão, que sai da tão comumente falada teoria/prática e nos faz refletir sobre o par experiência/sentido.

Bondia (2002, p. 21) nos traz o significado de experiência como sendo “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” É importante ressaltar que a informação não é experiência, logo é necessário separá-las. Vivemos em uma sociedade onde temos facilmente acesso à informação, e a cada dia buscamos mais estar informados. Portanto, temos uma sociedade informada, cheia de opiniões, mas sem experiências. Logo, uma sociedade com “sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência.” (BONDIA, 2002, p. 22)

Para Bondia (2022, p. 22) “A experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo.” O tempo se tornou mercadoria, o sujeito não pode perder tempo porque precisa acompanhar a sociedade e as informações que a cada minuto nos bombardeiam. Com isso, “a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho”. Muitas vezes é confundido experiência com trabalho, o que se aprende na faculdade na “teoria” se aprende no trabalho na “prática”. Logo, nessa sociedade, permitir a experiência é necessário um gesto de interrupção:

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDIA, 2002, p. 24)

Por fim, “a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar).” E Bondia (2022, p. 25) compara o sujeito da experiência com um pirata, pois “se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.” Contudo, ele também caracteriza o sujeito como sendo “sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido.”

O saber da experiência é definido por Bondia (2022, p. 27) “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.” Mesmo que duas

peças passem pela mesma situação, elas não terão a mesma experiência, porque a experiência é individual e singular. Ninguém pode aprender por meio da experiência do outro, é necessário reviver e torná-la própria.

Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. Por isso, no compartilhar a experiência, trata-se mais de uma heterologia do que de uma homologia, ou melhor, trata-se mais de uma dialogia que funciona heterologicamente do que uma dialogia que funciona homologicamente. Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”. (BONDIA, 2002, p. 28)

Concluindo, a ciência transformou a experiência em um método objetivo. Convertendo a experiência em experimento, “isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência.”

A Educação Física desde seu início tinha caráter instrumental para determinado fim, como por exemplo: a instituição militar usou a Educação Física para fortalecer física e moralmente os sujeitos. E esta esteve subordinada a outras áreas de conhecimento para se afirmar cientificamente.

Na década de 80 surge o “Movimento Renovador da Educação Física” e “Ela passa a ser discutida sob a influência das teorias críticas da educação, questionando-se sobre o seu lugar no interior da escola e sua relação com as questões do universo político mais amplo.” (ALMEIDA E FENSTERSEIFER, 2011, p. 248) De acordo com Almeida e Fensterseifer (2011, p. 250) movimento “buscou contribuir para a legitimação desta “disciplina”, pensando no “objeto” e na definição da especificidade desta área do conhecimento e de um “saber” específico de que trata essa prática pedagógica.” Portanto, somente na década de 90, começaram a fazer intervenções com a intenção de romper com o dualismo teoria/prática.

Para Almeida e Fensterseifer (2011, p. 250) a Educação Física é uma área periférica porque não pode ser considerada disciplina científica nem uma disciplina com estatuto epistemológico próprio. Portanto, “não é um conhecimento conceitual, como afirma Palmer (1989), mas, experiência.”

A experiência sempre acontece em perspectiva própria e é aqui entendida como algo que se deve “provar” (no sentido de experienciar), através da relação com

algo que se quer compreender, e não como algo que se deva "explicar" para o outro, no sentido de simples descrição. (ALMEIDA e FERSTERSEIFER, 2011, p. 250)

A experiência como descrição se torna um conhecimento puramente técnico. Por tanto para a área a experiência é uma "abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem 'pré-ver' nem 'pré-dizer'". O discurso nos permite interpretar e conhecer através da descrição, porém é importante realçar “a valorização da experiência e do saber da experiência como possibilidade de conhecer, fazer e conhecer com esse fazer.” Sem negar o plano conceitual, mas articulando com as dimensões procedimentais e atitudinais. (ALMEIDA e FERSTERSEIFER, 2011, p. 251)

Podemos compreender a experiência do movimento na Educação Física, contrapondo duas ciências. A ciência moderna assume com um caráter laboratorial, tornando a objetiva. Já a ciência hermenêutica assume com um caráter existencial,

do que nos acontece, nos toca, nos transforma, nos faz ver as coisas de uma maneira especial e sempre singular, pois a experiência é "algo que acontece aos seres humanos possuidores de vida e de história... contradiz as expectativas, e assim é o maior dos mestres, para o qual não há substituto" (PALMER, 1989, p. 233). (ALMEIDA e FERSTERSEIFER, 2011, p. 254)

Não se pode definir uma experiência universal, cada um tem sua própria, é individual. Na Educação Física fazer uma experiência significa que saberemos melhor sobre nós mesmos e sobre o “objeto” de estudo passado de forma conceitual e universal. A experiência nos apresenta o novo, o novo que traz confronto, mas que pode prevalecer em relação ao velho, o novo que nos perde o controle, mas que nos ensina. Por meio das experiências, mudanças vão acontecendo, porque ela nos afeta. Portanto, não podemos poupar o outro da experiência, e essa não pode ser pensada como algo negativo e frustrante, ela faz parte da essência do homem.

Encontramos alento nas palavras de Gadamer (2008) ao pensarmos em nossa intervenção profissional em que nossas expectativas não são atendidas. De acordo com o autor, a experiência acontece em um duplo sentido: a experiência que atende nossas expectativas e as confirma (o que poderíamos chamar de experimento) e a experiência que realmente se "faz"; esta, a verdadeira experiência, demonstra um caráter de imprevisibilidade, pois nos expõe aos riscos e incertezas que a tarefa educativa proporciona. (ALMEIDA e FERSTERSEIFER, 2011, p. 258)

Portanto, nós como professores temos medo de proporcionar experiências de movimento/práticas corporais porque não conseguimos controlá-las, e optamos por fazer "experimentos". Contudo, a compreensão da experiência do movimento na Educação Física através da ciência hermenêutica, "exige a exposição ao risco, às situações abertas

e inesperadas, coincidindo com a impossibilidade de assegurar a tais práticas educativas uma estrutura estável, que garanta o êxito da ação interventiva" (HERMANN, apud ALMEIDA e FERSTERSEIFER, 2011, p. 260).

A Educação Física para Holanda e Bungenstab (2021, p. 2) é uma disciplina que transmite conhecimento, e possibilita “[...] o acesso a outras possibilidades de movimentos, distintas daquelas que os estudantes já possuem contato ao longo de sua existência, por meio da cultura na qual estão inseridos.”

Estes autores apresentam as práticas corporais como sendo, “fenômenos sociais concretos, que possuem como conteúdos os esportes, os jogos, as artes circenses, as danças, as lutas, entre outras.” E destaca a relação que esta tem com o lúdico, possibilitando ao aluno “experimentar aquela ação de modo significativo e singular”. (HOLANDA e BUNGENSTAB, 2021, p. 3-4)

Para conceituar o termo experiência precisamos considerar que seu significado sofreu, e tem sofrido mudanças ao longo do tempo. No primeiro momento, Walter Benjamin, os adultos obtêm um conhecimento ao longo da vida, e esse os limita e os desencoraja a terem experiências. É nítido a relação que se faz da experiência com o conhecimento. “Ainda no tocante ao conceito de experiência, Benjamin (1986) refere-se a ele como um conhecimento que é acumulado no transcorrer das gerações e que é passado de pessoa para pessoa, geralmente, por meio de fábulas, provérbios, parábolas, histórias.” Portanto, isso foi mudado a partir da primeira guerra mundial, em que os combatentes voltavam cada vez mais silenciosos, “Mais pobres em experiências comunicáveis e não mais ricos”. (HOLANDA e BUNGENSTAB, 2021, p. 5)

Contudo, isso foi importante para a experiência se tornar o que é hoje, vinculada ao conceito de vivência. Para Benjamin, “a vivência forma-se por “dados isolados” que são “rigorosamente fixados na memória”. Enquanto que a experiência tinha relação com a tradição e a memória, podendo acontecer na forma individual e coletiva; a vivência, por outro lado, limita-se à esfera do individual, ao efêmero e passageiro, características tipicamente modernas.” (HOLANDA e BUNGENSTAB, 2021, p. 5)

O empobrecimento da experiência tomou conta da sociedade moderna. Os sujeitos se acomodaram, não anseiam por experiências e não valorizam o aprendizado de novos conhecimentos.

Silva *et al.*, (2009), dialogando com Benjamin, ressaltam que a pobreza de experiência tem expropriado do sujeito toda sua subjetividade, traduzida em uma “objetivação do corpo” que o descaracteriza de suas qualidades humanas e o transforma num objeto. Assim, “a experiência, nesse sentido, não é subjetiva, vivida pelo eu, mas um conjunto de atribuições em terceira pessoa – ele, o corpo, o qual deve ser controlado e do qual se deve desconfiar por seus impulsos naturais ao prazer” (SILVA *et al.*, apud HOLANDA e BUNGENSTAB, 2021, p. 9).

De acordo com Holanda e Bungenstab (2021, p. 10) alguns autores defendem que a experiência consiste “na apropriação do que foi ensinado, transformando e dando sentido e significado para a realidade do aluno.” Sendo assim, a Educação Física deve trabalhar e ensinar por meio da experiência e não do experimento. Possibilitando ao aluno e ao professor se entregarem ao inesperado, sem querer controlar tudo.

Foi possível concluir então que, para se pensar a Educação Física escolar no Ensino Médio, devemos pensar na tríade práticas corporais/experiência/Educação Física.

Desse modo, não necessitaremos engessar as práticas corporais com o uso excessivo de regras e fundamentos técnicos pré-moldados, bem como não precisaremos dar tratos pedagógicos demasiadamente fechados para essas práticas, uma vez que reconhecer nossa insuficiência em controlá-las é ter consciência de que os propósitos da educação escolar também podem ser respondidos por esta tríade. (HOLANDA e BUNGENSTAB, 2021, p. 12)

O aluno explora sua subjetividade através do inesperado e da incerteza, trazendo seus próprios significados a suas experiências. Desse modo, é possível notar que a maioria, senão todas, as pesquisas revisadas e citadas estão fundamentadas na experiência do aluno. E com isso percebe-se o quanto a experiência é importante para o aluno formar uma opinião sobre a Educação Física. Portanto, as mudanças regulamentadas pela Lei nº 13.415/2017 desconsidera a importância da categoria experiência para aprendizagem de todos alunos no Ensino Médio; e desvaloriza a opinião formada pelos alunos acerca da Educação Física.

6. CONCLUSÕES

A Educação Física assim como o Ensino Médio passou por diversas mudanças, portanto desde o início esse componente curricular foi confundido com passatempo e lazer. Pode-se perceber que as mudanças atuais da Educação Física no Ensino Médio enfatizaram ainda mais a precarização desse componente na escola. Autores como Braga *et al.*, (2019) e Marcolino e Lima (2019) concluem em seus estudos, sobre a importância da Educação Física no Ensino Médio, que na concepção dos alunos a disciplina contribui para a promoção de saúde, integração, conhecimento e consciência corporal, prevenção de doenças, entre outros.

Através do levantamento bibliográfico, foi possível identificar um aumento significativo na produção científica sobre a Educação Física no Ensino Médio, principalmente na categoria concepção dos alunos. É importante destacar que, em vários dos estudos realizados, a Educação Física foi uma disciplina apreciada pelos alunos, porém não considerada relevante. Apresentando, assim, uma evasão na disciplina conforme os anos escolares vão passando.

Portanto, o novo Ensino Médio tira o “direito” a experiência do aluno. Porque nem todas as escolas têm estrutura para oferecer diversos Itinerários Formativos, entre eles o de Linguagens que inclui a Educação Física. E enfatiza o processo de desvalorização da Educação Física, que já acontecia, priorizando a formação imediatista para o trabalho e o treinamento para o vestibular.

Nesse sentido, para entender a concepção do aluno sobre a Educação Física é preciso que eles tenham experiência. Como falar de algo se nunca experimentou? Portanto, essa pesquisa estabeleceu um diálogo entre a Educação Física e o Ensino Médio, baseada na concepção dos alunos, ou seja, na experiência dos alunos. Concluiu-se então que é importante oportunizar ao aluno a experiência e a vivência da Educação Física na escola em todas as etapas da educação básica. Formando um ser humano ético, autônomo e crítico, com “visão ampla dos conhecimentos tecnológicos e os processos teóricos e práticos”, como estabelecido nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L., FENSTERSEIFER, P.E. O lugar da experiência no âmbito da Educação Física. Movimento, Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 247-263, out/dez de 2011.

ANDRADE, E.A., LETTNIN, C.C. Motivação discente frente às diferentes composições de turmas (des)seriadas para a Educação Física do ensino médio. Motrivivência, (Florianópolis), v. 33, n. 64, p. 01-24, 2021. Universidade Federal de Santa Catarina.

ANTUNES, H.K.M., SANTOS, R.F., CASSILHAS, R., SANTOS, R.V.T., BUENO, O.F.A., MELLO, M.T. Exercício físico e função cognitiva: uma revisão. Rev. Bras Med. Esporte 12 (2). Abr. 2006

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: Ensino Médio. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 N° 19.

BRAGA, D.M., NASCIMENTO, D.S., MELO, I.O., MONTE, T.C.L. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO. Conedu, VI Congresso Nacional de Educação, 2019.

BRASIL. Emenda constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009. Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias; dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, ao § 4º do art. 211 e ao § 3º do art. 212 e ao caput do art. 214, com a inserção neste dispositivo de inciso VI, da Constituição Federal. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 nov. 2009.

BUNGENSTAB, G.B., SOUZA, J. GARCIA, R.P. Para uma teoria do capital esportivo: conversações com Bourdieu e Lahire. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 48, e253013, 2022.

BUNGENSTAB, G.C. A presença do termo juventude na produção científica da Educação Física brasileira: para onde vamos?. Motrivivência, (Florianópolis), v. 32, n. 62, p. 01-14, abril/junho, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina.

BUNGENSTAB, G.C., FILHO, A.L. A Educação Física no “novo” Ensino Médio: a ascensão do notório saber e o retorno da visão atlética e “esportivizante” da vida. *Motrivivência*, Florianópolis/SC, v. 29, n. 52, p. 19-37, setembro/2017.

CASTELLANI FILHO, L. *et al.* Metodologia do ensino de Educação Física São Paulo: Cortez 2009.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 2ª ed. São Paulo, editora Cortez, 1995 (Biblioteca de Educação. Serie 1. Escola v.16, p.79) - <https://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830%20389-06.pdf>

DARIO, Vagner Luis. A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MEDIO. A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MEDIO, [s. l.], 2017. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Vagner-Luis-Dario.pdf>.

FERREIRA, T., MOREIRA, E.C. Educação Física escolar e futebol: o que pensam os alunos do ensino médio. *Motrivivência*, (Florianópolis), v. 31, n. 58, p. 01-17, abril/junho, 2019. Universidade Federal de Santa Catarina.

GARIGLIO, J.A., JUNIOR, A.S.A., OLIVEIRA, C.M. O “Novo” Ensino Médio: implicações ao processo de legitimação da Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis/SC, v. 29, n. 52, p. 53-70, setembro/2017.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLANER, Maria Fatima. NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA E APTIDÃO FÍSICARELACIONADA À SAÚDE EM RAPAZES RURAIS E URBANOS. *Rev. paul. Educ. Fis.*, São Paulo, 16(1): 76-85, jan/jun. 2002

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. - <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>

GOMES, Bruno Garcia. A importância da Educação Física no ensino médio. *EFDeportes.com*, Revista Digital. Buenos Aires - Año 19 - Nº 192 - Mayo de 2014. <http://www.efdeportes.com>

HOLANDA, G.I.S., BUNGENSTAB, G.C. A Educação Física escolar e seus dilemas contemporâneos: há pouca experiência nas experiências? Revista Kinesis, Santa Maria, v.39, p.01-14, 2021.

JUNIOR, F.E.S., COSTA, F.S., RODRIGUES, J.P. Concepções sobre imagem corporal da mulher negra entre alunas do ensino médio em Teresina/PI. Revista Pensar a Prática. 2020, v.24:e60026.

KUHN, S.S., SILVA, L.O., NETO, V.M. As perspectivas de estudantes ao final da escolarização básica sobre suas experiências nas aulas de educação física. Revista Pensar a Prática. 2020, v.23:e54117.

LAVILLE C., DIONNE J. A construção do saber – manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999.

LOPES, M.V.V., SILVA, K.S., BERTUOL, C., SILVA, J.A., NAHAS, M.V. TIPOS E QUANTIDADES DE ATIVIDADES FÍSICAS PRATICADAS POR ADOLESCENTES DO SUL DO BRASIL. Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 3, jul./set. 2018.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uirá de Siqueira. Educação Física Escolar no Ensino Médio: A prática pedagógica em evidência. Curitiba - Brasil: Editora CRV, 2018. v. 36.

MARCOLINO, F.S., LIMA, P.R.F. A importância da Educação Física no ensino médio integrado: concepção docente no IFCE Campus Canindé. Res., Soc. Dev. 2019.

METZNER, A. C. Leis e Documentos que regem a Educação Física escolar brasileira: uma breve apresentação. Revista Hispeci & Lema (Online), v. 3, p. 1-11, 2012.

METZNER, A.C., FERREIRA, H.J., NUNES, H.F.P., SO, M.R., DRIGO, A.J. CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O ENSINO MÉDIO: estudo a partir da prática docente de professores de Institutos Federais. Motrivivência, Florianópolis/SC, v. 29, n. 52, p. 106-123, setembro/2017.

Ministério da Educação. Novo Ensino Médio - perguntas e respostas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas>

PIANA, Maria Cristina. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ROSSI, R.S., TOMPSON, D. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO. 2021.

Secretaria de Estado da Educação. Novo Ensino Médio: como vai funcionar em Goiás a partir de 2022. Disponível em: <https://site.educacao.go.gov.br/novo-ensino-medio>

SILVA, A.C., RODRIGUES, G.M., FREIRE, E.S. EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE AS AULAS. Pensar a Prática, Goiânia, v. 20, n. 4, out./dez. 2017.

SILVA, J.S., MENDONÇA, W.F., BASTOS, L.L.A.G., LEITE, S.T. O CONCEITO DE SAÚDE E DE HÁBITOS SAUDÁVEIS EM ADOLESCENTES ESCOLARES. Pensar a Prática, Goiânia, v. 20, n. 4, out./dez. 2017.

SO, M.R., RODRIGUES, G.S., PRODOCIMO, E., USHINOHAMA, T.Z., BETTI, M. Gosto, importância e participação: a relação dos estudantes do ensino médio com a Educação Física. Motrivivência, (Florianópolis), v. 32, n. 63, p. 01-23, julho/dezembro, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina.